



ORIENTE MÉDIO

Israel volta a bombardear o sul do Líbano, depois de ofensivas que mataram, pelo menos, 37 pessoas, incluindo dois líderes do grupo armado Hezbollah. ONU pede "contenção máxima" aos dois lados, e primeiro-ministro libanês fala em "massacre"

Novos ataques deixam REGIÃO EM ALERTA

O temor de uma guerra total no Oriente Médio aumentou ontem, com novos bombardeios israelenses no sul do Líbano, na sequência dos ataques que mataram 37 pessoas, incluindo comandantes do Hezbollah, em um subúrbio da capital, Beirute. Segundo Daniel Hagari, porta-voz do Exército de Israel, a medida foi tomada após serem identificados preparativos de disparos por parte do movimento pró-iraniano.

A Organização das Nações Unidas (ONU) divulgou uma nota afirmando estar "profundamente preocupada com a situação", e pediu que "todas as partes reduzam a escalada imediatamente e mostrem o máximo de contenção". Israel está em guerra contra o grupo armado Hamas, em Gaza, desde outubro do ano passado, quando as animosidades com o Hezbollah também se intensificaram.

Ontem, o primeiro-ministro libanês, Najib Mikati, cancelou sua participação na Assembleia Geral da ONU em Nova York por causa, segundo ele, dos "horíveis massacres israelenses" no Líbano. Pela tarde, o Exército israelense anunciou que lançou um "ataque em larga escala", tendo como alvo "milhares de plataformas de lançamento de foguetes".

Em Israel, as autoridades fecharam parte do espaço aéreo, por questão de segurança. A medida não afetou voos internacionais. Ontem, o governo norte-americano pediu aos cidadãos para deixarem o Líbano, "enquanto as opções comerciais estão disponíveis".

Destroços

O bombardeio de sexta-feira no sul da capital libanesa, que deixou uma enorme cratera, atingiu uma área densamente povoada. O número de mortos, 37, incluindo três crianças, pode aumentar, pois os destroços continuam sendo retirados do prédio destruído, segundo o Ministério da Saúde.

A operação israelense ocorreu após duas ondas de explosões de pagens e walkie-talkies usados por membros do Hezbollah, que, entre terça e quarta-feira, feriram quase 3 mil pessoas em redutos da milícia no Líbano, segundo autoridades. Uma fonte da agência France-Presse próxima ao grupo libanês afirmou que o ataque tinha como

AFP



Fumaça encobre o céu sobre a cidade libanesa de Zawtar, na noite de sábado: bombardeios seriam resposta a plano de ofensiva

alvo a unidade Radwan, força de elite que realizava uma reunião em um porão. Os 16 integrantes foram mortos. Entre eles, os líderes Ibrahim Aqil e Ahmed Mahmoud Wahbi.

Terrorista

Habib C. Malik, professor de história aposentado da Universidade Libanesa Americana, em Beirute, disse ao **Correio** que Aqil tinha sido elevado a número dois do Hezbollah depois que o xeque Hassan Nasrallah substituiu Fuad Shukur, assassinado. "Aqil teve sua cabeça a prêmio por US\$ 7 milhões por ser, entre outras coisas, o principal terrorista da Embaixada dos Estados Unidos em Beirute em 1983, quando mais de 60 pessoas foram mortas", conta.

Apesar de Daniel Hagari, porta-voz do Exército de Israel, ter afirmado que o país não pretende provocar "uma ampla escalada (bélica) na região", Malik aposta em novas ofensivas. "Se acreditarmos no alto comando israelense, esse é apenas mais um de seus ataques crescentes contra o Hezbollah, que custará muito caro ao grupo, então mais parece estar a caminho", afirma.

AFP



Integrantes do Hezbollah carregam caixão de um dos mortos da força Radwan

A situação coloca o Hezbollah em uma posição extremamente complicada, diz o professor. "Se eles responderem massivamente (algo que precisa de uma luz verde iraniana, que não existe), Israel os atacará

de volta com muita força e rapidez; e se eles não responderem, ou não escalam como estão fazendo agora com os foguetes Katyusha disparados aqui e ali, parecerão fracos e dissuadidos."

Crianças mortas na Faixa de Gaza

Pelo menos 21 pessoas, incluindo 13 crianças e seis mulheres, morreram em um bombardeio israelense contra uma escola que acolhia desabrigados na Cidade de Gaza. A ofensiva tinha como alvo integrantes do Hamas, informou o Exército de Israel. Membros do grupo que operavam em um centro de comando próximo ao prédio teriam entrado no colégio, deflagrando o ataque.

O porta-voz da Defesa Civil de Gaza, Mahmoud Basal, afirmou que havia uma gestante entre as vítimas. Outras 30 pessoas ficaram feridas no bombardeio à escola Al Zaytun. Em comunicado, o Exército afirmou que havia tomado "medidas para mitigar o risco de ferir civis", em particular por meio do uso de armas de precisão. O Hamas condenou o ataque e o denunciou como "crime de guerra sob a cobertura dos Estados Unidos", em referência ao apoio militar norte-americano a Israel.

Outras escolas na Faixa de Gaza foram bombardeadas nos últimos meses pelo Exército israelense, que acusa o Hamas de esconder combatentes em prédios escolares onde milhares de habitantes de Gaza se refugiaram, algo que o movimento palestino nega. A grande maioria dos 2,4 milhões de habitantes do território foi deslocada internamente desde o início da guerra, em 7 de outubro de 2023.

Recuo

A Arábia Saudita, que se mostrava aberta a uma aproximação com Israel, recuou e endureceu sua posição para tentar promover um cessar-fogo em Gaza e evitar uma guerra regional. O príncipe herdeiro e governante de fato, Mohamed bin Salman, afirmou que o país não estabelecerá relações diplomáticas com o governo israelense sem a prévia "criação de um Estado palestino". Ele também condenou atos do Exército, que considerou criminosos.

No ano passado, a monarquia islâmica negociava um acordo que incluía a normalização diplomática com Israel, mas suspendeu as negociações após a eclosão da guerra em Gaza. As declarações de Bin Salman surgem após os bombardeios ao Líbano, que aumentam o risco de um novo conflito bélico.

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

FUTEBOL HOJE: GRANA E PAZ

O futebol captura a atenção e as emoções de bilhões. Ele é o esporte mais popular da Terra, praticado e seguido com fé na Europa, América do Sul, África e partes da Ásia. A Copa da FIFA é o evento esportivo mais assistido do mundo. Se a estratégia for bem alinhada, a Copa do Mundo de Clubes da FIFA também pode seguir nesse caminho.

Os campeonatos de futebol mundo agora geraram um grande mercado e uma admirável rede de interconexões. As decisões de seus participantes, tanto administrativas quanto no campo, são impactadas por princípios econômicos e têm efeitos sociopolíticos relevantes. Sendo assim, quem observa com atenção o agregado de suas conexões micros tem razão em concordar com o dito de que o futebol seria a coisa mais importante dentre as coisas menos importantes.

Indo além da paixão pelo esporte, é curioso examinar como fatores financeiros influenciam cada aspecto, da contratação de atletas às jogadas

executadas em momentos críticos. É também notável que mesmo com o atual contexto de retração da globalização, o futebol siga se globalizando cada vez mais. Enquanto muitos mercados do mundo vêm se desglobalizando por causa das redes de interconexão praticada por países e atores fora-da-lei, o futebol aumenta sua integração global. Aliás, entramos na fase de consolidação transnacional dos clubes.

Após o Brasil ficar meio à margem do movimento de entrada de investidores estrangeiros atrelados aos petrodólares, que ocorreu na Europa, nas últimas décadas, o país, hoje, está acompanhando de perto os passos de consolidação transnacional dos clubes, os quais passam a existir sob o guarda-chuva de grupos empresariais de atuação internacional.

Os grupos empresariais que detêm múltiplos times de futebol ao redor do mundo são um fenômeno recente, com empresas e investidores adquirindo

clubes em diferentes países para diversificar seus investimentos e aumentar o alcance global de suas marcas. Entre os principais grupos que controlam vários clubes de futebol, alguns se tornaram conhecidos dos brasileiros nos últimos anos. Como, por exemplo, o City Football Group (CFG), que comprou o Bahia, o Red Bull GmbH, que adquiriu o Bragantino, e a Eagle Football Holdings, que atualmente está à frente do Botafogo.

A performance dos três clubes citados acima vem melhorando desde o momento de suas incorporações nas estruturas de gestão transnacional. Há, contudo, também o caso dissonante do Vasco, o qual parece ter entrado em uma fria em sua associação ao 777 Partners, um grupo estadunidense de investimentos que tem aumentado sua presença no futebol, mas é visto como bem enrolado.

Dentre as experiências positivas, destacam-se aquilo que o Botafogo já está conseguindo colocar em prática e aquilo

que se espera que o Bahia passe a mostrar talvez já a partir do ano que vem. O time da estrela solitária teve sorte que o dono da Eagle Football Holdings, que detém a SAF do clube, se mostra apaixonado pelo Botafogo e põe em prática ações com uma visão arrojada sobre seu potencial. Há décadas o Botafogo não tinha uma equipe tão boa quanto a que tem hoje. E, a continuar assim, os retornos financeiros vão crescer daqui para frente. É claro que, para além da sorte da estrela, o Botafogo é o clube brasileiro que escreveu o melhor contrato de SAF até aqui: por ele, a Eagle Football Holdings tem a obrigação de fazer o time de Garrincha campeão dos principais campeonatos.

Além da atração de investidores internacionais com mais apetite para inovar nas formas de se fazer dinheiro com futebol do que nossos financistas preguiçosos de baixa produtividade — ricos sombra e água fresca dos juros altos —, o processo de transnacionalização dos clubes também tende a influenciar a forma como os clubes brasileiros operam no mercado de transferências. Já vemos como grupos globais podem facilitar o

intercâmbio de jogadores entre clubes sob sua administração, abrindo portas para uma maior integração entre ligas e mercados antes distantes.

Essa nova realidade traz à tona a necessidade de uma adaptação constante dos clubes às práticas de gestão mais profissionalizadas e aos esforços de potencializar as diferentes vias possíveis de comercialização do produto futebol. O desafio será equilibrar a identidade local dos clubes com as exigências globais desses grupos empresariais que podem, inclusive, ser seguidos e suplantados por investidores locais capazes de se globalizar. E isso tudo sem perder a conexão com suas torcidas e tradições regionais, além das garantias contratuais de que tudo será sempre feito visando e promovendo o engrandecimento do futebol no mundo.

Sendo assim, a transnacionalização do futebol em meio à globalização da guerra é boa notícia, na medida em que pode promover a paz e intercâmbios favoráveis para várias partes assimetricamente posicionadas no tabuleiro global.

PAULO DELGADO é sociólogo